



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS JAGUARÃO**

FLÁVIO NÖREBERG

**VOLUNTARIADO E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NA PRÁTICA DOCENTE:
UMA REFLEXÃO SOBRE SEUS OBJETIVOS A PARTIR DA ESCOLINHA MEIMEI**

JAGUARÃO

2015

FLÁVIO NÖREMBERG

**VOLUNTARIADO E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NA PRÁTICA DOCENTE:
UMA REFLEXÃO SOBRE SEUS OBJETIVOS A PARTIR DA ESCOLINHA MEIMEI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pampa como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Clóvis Da Rolt

JAGUARÃO

2015

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo compreender, de um lado, de que forma o voluntariado se insere nos processos que subjazem as aprendizagens desenvolvidas na Escolinha MEIMEI, de outro, a relação da prática voluntária com os objetivos que são definidos pela equipe pedagógica e seus professores no âmbito da educação não formal. Estes aspectos relacionam-se também à compreensão mais apurada da ação pedagógica, social e inclusiva, desenvolvida neste espaço. Ainda neste trabalho apresentamos uma reflexão direcionada às dimensões do voluntariado na prática docente, de modo a pontuarmos uma análise sobre seus objetivos, suas possibilidades de aprendizagem e a percepção de seus participantes no âmbito da Escolinha Meimei, na cidade de Jaguarão-RS. Do ponto de vista metodológico, primeiramente traçamos um histórico da Escolinha Meimei para, em seguida, abordarmos alguns aspectos teóricos referentes ao campo do voluntariado e sua relação com a educação, atendo-nos aos dados obtidos a partir de uma perspectiva qualitativa. Realizamos uma entrevista semiestruturada com a atual presidente da Sociedade Espírita Irmãos Unidos e diretora da Escolinha, a professora Ivanilda de Mello Teixeira, que é graduada em Letras pela Universidade Católica de Pelotas. A hipótese geral que norteia este trabalho é a de que existem certas concepções que balizam a ação educativa mesmo num ambiente que congregue professores-voluntários, muitas vezes sem formação acadêmica para a docência.

Palavras-chave: Voluntariado; Educação não-formal; Prática Docente

RESUMEN

Este trabajo tiene por objetivo comprender, de un lado, de qué manera el voluntariado se insiere en los procesos que subyacen la enseñanza desarrollada en la *Escolinha MEIMEI*, de otro lado, la relación de la práctica voluntaria con los objetivos que son definidos por el equipo pedagógico y sus profesores en el ámbito de la educación no formal. Estos aspectos se relacionan también a la comprensión más apurada de la acción pedagógica, social e inclusiva, desarrollada en este espacio. Todavía en este trabajo presentamos una reflexión direccionada a las dimensiones del voluntariado en la práctica docente, de manera a puntuarnos un análisis sobre sus objetivos, sus posibilidades de aprendizaje y la percepción de sus participantes en el ámbito de la Escolinha Meimei, en la ciudad de Jaguarão-RS. Del punto de vista metodológico, primeramente trazamos un histórico de la Escolinha Meimei para, luego, abordarnos algunos aspectos teóricos referentes al campo del voluntariado y su relación con la educación, atendiendo a los datos obtenidos a partir de una perspectiva cualitativa. Realizamos una entrevista pre estructurada con la actual presidente de la Sociedade Espírita Irmãos Unidos y la directora de la Escolinha, la profesora Ivanilda de Mello Teixeira, que se recibió en Letras por la Universidade Católica de Pelotas. La hipótesis general que orienta este trabajo es que hay ciertas concepciones que balizan la acción educativa hasta mismo en un ambiente que congrege profesores voluntarios, muchas veces sin formación académica para docencia.

Palabras clave: voluntariado; educación no formal; práctica docente

SUMÁRIO

1 ELEMENTOS INTRODUTÓRIOS.....	06
2 A ESCOLINHA MEIMEI.....	09
3 VOLUNTARIADO E EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL.....	12
4 PERSPECTIVAS ACERCA DA EDUCAÇÃO: OS VOLUNTÁRIOS DA ESCOLINHA MEIMEI E SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	17
4.1 Avaliações dos professores voluntários sobre suas experiências docen- tes no espaço não-formal de educação: aprendizagens e benefícios.....	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS	

1 ELEMENTOS INTRODUTÓRIOS

Apresentamos neste trabalho uma reflexão direcionada ao estudo do voluntariado na prática docente, de modo a pontuarmos uma análise sobre seus objetivos, suas possibilidades de aprendizagem e a percepção de seus participantes no âmbito da Escolinha Meimei, na cidade de Jaguarão-RS

Acompanhamos há mais de 15 anos os trabalhos que são realizados na Escolinha Meimei¹, que faz parte do departamento de infância, juventude e evangelização da Sociedade Espírita Irmãos Unidos, instituição localizada na Avenida Odilo Gonçalves nº1565, no bairro central da cidade de Jaguarão – RS. De certo modo, nossa proximidade com a instituição e a vivência de muitas de suas ações, foram motivadores para a realização deste trabalho.

Nesta investigação, abordamos o trabalho que vem sendo desenvolvido pela Escolinha Meimei, especialmente no âmbito da ação de seus voluntários, na educação e formação de crianças e jovens em um espaço não formal. De um modo geral, objetivamos compreender, de um lado, de que forma o voluntariado se insere nos processos que subjazem às aprendizagens desenvolvidas na Escolinha Meimei e, de outro, a relação da prática voluntária com os objetivos que são definidos pela equipe pedagógica e seus professores no âmbito da educação não formal. Estes aspectos relacionam-se também à compreensão mais apurada da ação pedagógica, social e inclusiva, desenvolvida neste espaço.

Estudar o trabalho que é desenvolvido dentro de um espaço não formal de educação pode ser importante para compreender as múltiplas perspectivas que configuram o campo da educação. No caso da Escolinha Meimei, o trabalho em torno de um projeto educativo é realizado em regime de voluntariado, com pessoas que abrem mão de um dia de descanso para reunirem-se em uma instituição que visa beneficiar famílias de nossa comunidade que muitas vezes se encontram em situação de vulnerabilidade socioeconômica. A Escolinha atende crianças e adolescentes 0 a 12 anos e contempla também atividades direcionadas para seus familiares.

O que nos move em direção a este campo temático – da educação permeada pelo voluntariado –, é a necessidade de se compreender quais as contribuições que

¹ MEIMEI Significa em no idioma Chinês: Amor puro.

esta perspectiva oferece à educação de um modo geral, especialmente considerando a figura do profissional voluntário dentro de um cenário educativo, neste caso a Escolinha Meimei.

Assim, um campo de indagações se abre diante desta realidade: que atmosfera educativa pode-se encontrar num ambiente de educação não formal? Como ocorrem as relações entre os participantes de um ambiente de educação não formal? Podemos dizer que há um processo educativo onde não há o reconhecimento legal e institucional (do Estado) em relação a um corpo de voluntários engajados na ação pedagógica? A prática do voluntariado resulta em efetiva contribuição ao processo educativo? Que imagens e imaginários acerca da educação nutrem o trabalho dos voluntários que atuam neste campo? Enfim, são muitas as possibilidades de acesso a este campo temático e, portanto, creio que a própria multiplicidade deste fenômeno justifica seu aprofundamento do ponto de vista investigativo.

É importante salientar que a Escolinha Meimei não é uma escola com regimentos estabelecidos, reconhecida oficialmente como instituição de educação. Trata-se de um departamento voltado para educação dos jovens e adultos de uma instituição, mantida pela Sociedade Espírita Irmãos Unidos que, dentre outras atividades, promove eventos beneficentes e arrecadação de doações da comunidade para que sejam realizadas suas atividades, não dispondo de verbas de órgãos do poder público.

Do ponto de vista metodológico, primeiramente traçamos um histórico da Escolinha Meimei para, em seguida, abordarmos alguns aspectos teóricos referentes ao campo do voluntariado e sua relação com a educação, atendo-nos aos dados obtidos a partir de uma perspectiva etnográfica. No que se refere à construção de um breve quadro histórico da Escolinha Meimei, ressaltamos que o percurso se dá muito mais pela oralidade dos participantes e ex-participantes, com menor ênfase aos registros documentais. Neste sentido, o traçado histórico aqui apresentado baseia-se na memória dos atores e em suas vivências na prática do voluntariado.

Assim, realizamos uma entrevista semiestruturada com a atual presidente da Sociedade Espírita Irmãos Unidos e diretora da Escolinha, a professora Ivanilda de Mello Teixeira, que é graduada em Letras pela Universidade Católica de Pelotas.

Seu relato é importante pois ela participa das atividades da Escolinha Meimei deste o seu início até os dias atuais. Juntamente com o relato da presidente da instituição, outros participantes também foram ouvidos informalmente com a intenção de traçarmos o quadro histórico aqui apresentado.

No que tange à esfera conceitual, é importante definirmos, neste momento, de que forma a figura do professor emerge no âmbito das relações presenciadas na Escolinha Meimei, tendo em vista que esta figura tem certas particularidades que nos interessam, sobretudo no quesito da formação docente. Deste modo, definiremos com o termo “professor-voluntário” as pessoas que desempenham alguma função pedagógica na Escolinha Meimei, no sentido de conduzirem alguma atividade de ensino independentemente de títulos ou formação acadêmica.

Um dos preceitos que se verifica para quem deseja participar de alguma ação voluntária na Escolinha Meimei, é que não há nesta instituição a exigência de habilitação docente formal, mas apenas de boa vontade. Desta forma os professores-voluntários podem possuir formação acadêmica em diferentes áreas, como acontece com alguns participantes, ou mesmo não possuir qualquer formação em âmbito universitário. Limites de idade também não são considerados, pois há jovens de treze anos de idade que já desempenhem a função de monitoramento das aulas ou ministram oficinas de artesanato ou similares.

A pesquisa qualitativa do trabalho ocorre no levantamento de informações que conduzem a argumentação aqui apresentada. Neste sentido, é importante ressaltar o trabalho de observação participante que realizamos durante os meses de novembro a dezembro de 2014, o qual contou com apontamentos em diário de campo, contato com participantes (professores-voluntários e frequentadores), descrição de espaços físicos, entrevistas, fotografias, etc.

O uso de um questionário semiestruturado compõe o principal meio de levantamento de dados para a construção deste trabalho, pois o aspecto que preponderantemente nos interessa é compreender a formação da percepção docente sobre este professor-voluntário, o qual abarca diversas concepções sobre “educação”, “ensino”, “formação”, etc.

A hipótese geral que norteia este trabalho é a de que existem certas concepções que balizam a ação educativa mesmo num ambiente que congregue

professores-voluntários, muitas vezes sem formação acadêmica para a docência. A aplicação do questionário considerou professores-voluntários atualmente em exercício ou que anteriormente tenham passado pela Escolinha Meimei. Foram entrevistados quatro (4) participantes. Um questionário, com 3 participantes, foi realizado de forma presencial e com uso de gravador, já a aplicação de um questionário com uma participante, que na atualidade está residindo em outro Estado, foi feita através de e-mail, e continha as seguintes questões:

1. Qual a sua compreensão sobre educação?
2. Você acredita que o trabalho voluntário traz benefícios? Qual a diferença entre este trabalho de educação não formal e a escola formal?
3. O que lhe motiva a atuar como professor-voluntário?

No capítulo 2, apresentamos um breve histórico da Escolinha Meimei. No capítulo 3, refletimos acerca das relações entre educação e voluntariado, mediante um conjunto de autores que nos ajudam a clarificar alguns aspectos relevantes para a construção deste trabalho. No capítulo 4, apresentamos algumas interpretações tomando como base os dados obtidos nos questionários e levantamentos etnográficos. Por fim, no capítulo 5, formulamos algumas reflexões conclusivas sobre este empreendimento investigativo.

2 A ESCOLINHA MEIMEI

Fundada no dia 12 de Agosto do ano de 1984, a Escolinha Meimei pertence ao Departamento de Assistência Social da atual Sociedade Espírita Irmãos Unidos, situada na Avenida Odílio Gonçalves, nº1565, na cidade de Jaguarão/RS. Possui como fundadores os membros e trabalhadores da Sociedade Espírita, sendo o segundo órgão de assistência material da entidade.

A Sociedade Espírita Irmãos Unidos era presidida na época pelo Sr. Eny dos Santos Teixeira, sendo sua primeira Diretora a Sr.^a Ivanilda de Mello Teixeira, e a 1^a professora a Sr.^a Elia Maria Cardoso Kader. Já em sua fundação, a Escolinha Meimei recebeu como objetivos de suas atividades, trabalhos direcionados à ação beneficente: com Recreação Orientada, Orientação Evangélica, Orientação Artística

e Criativa, Orientação sobre Higiene e Saúde, Assistência Material, Social e Alimentação, Oficinas Artesanais.

A estrutura física da Escolinha era cedida pela Sociedade Espírita Irmãos Unidos, que, no seu princípio, constituía-se de uma única peça, que durante a semana era utilizada para reuniões públicas da Sociedade Espírita e aos sábados era destinada para atividades da Escolinha Meimei.

Esta ação voluntária teve seu início após um passeio do Sr. Eny dos Santos Teixeira pelas periferias da cidade de Jaguarão. Este passeio revelou a carência de inúmeras crianças, pois foi possível ver que muitas delas não frequentavam escolas ou creches e nem mesmo organizações filantrópicas, ou seja, estavam desprovidas de amparo e em situação socioeconômica vulnerável. Por sentirem-se responsáveis pelos semelhantes, os trabalhadores da Sociedade Espírita Irmãos Unidos decidiram iniciar as atividades da Escolinha Meimei.

O público de atendimento eram as crianças com idades entre 0 a 12 anos dispostas em ciclos: Maternal/Jardim: turma com idade entre 0 a 5 anos; 1º Ciclo da Infância: turma com crianças entre os 6 e 7 anos; 2º Ciclo da Infância: turma constituída com crianças entre 8 e 12 anos.

As atividades são planejadas para recreação orientada, aprendendo a relacionar-se entre si, com práticas pedagógicas e exercícios saudáveis. As crianças recebem orientação de valores morais, respeito de valores e proteção à natureza e oficinas de modelagem, montagem e diversos trabalhos manuais.

Conceitos básicos de higiene pessoal, como cuidar de seu corpo também estavam incluídos no atendimento as crianças. A equipe da Escolinha Meimei, em conjunto com as atividades semanais, sempre se preocupou em contemplar as crianças com festas nas datas comemorativas como Natal, Páscoa e Dia das Crianças.

Conforme relata a Sr.^a Ivanilda de Mello Teixeira, a construção do atendimento da Escolinha Meimei foi um processo gradativo. Num primeiro momento, o espaço físico era muito limitado e o atendimento era precário. Mas com o avançar das atividades e da procura por atendimento, os voluntários mobilizaram-se na busca de soluções. Desta forma, logo no início das atividades, as refeições eram realizadas em um restaurante de propriedade particular e encaminhadas para

Escolinha Meimei. Com o passar do tempo foi construída uma cozinha para a realização das refeições e banheiros para que as crianças tomassem banho e tivessem um corte de cabelo gratuito. No desenvolver deste processo, os professores-voluntários observaram a necessidade de atender as famílias das crianças, pois perceberam que não estava adiantando somente educar as crianças com bons hábitos se caso os seus familiares não tivessem conhecimento desta mesma educação.

Iniciaram-se na Escolinha Meimei o atendimento às mães ou responsáveis pelas crianças da Escolinha. Com oficinas em se aprendia técnicas de corte e costura para consertar roupas usadas, confeccionar cobertas, tricô, crochê, pintura em tecido e cestarias em jornais, além de prover cestas básicas, além de auxílio psicológico quando possível e doações de roupas.

Estas ações realizadas dentro da Escolinha Meimei sempre tiveram como base atender as necessidades que eram observadas por seus voluntários na nossa comunidade. Presume-se que no decorrer destes trinta anos de atividades foram atendidas cerca de vinte mil (20.000) pessoas entre crianças e seus familiares. Destas crianças que fizeram parte da escolinha, a diretora salienta que só teve conhecimento de um caso, em que um ex-aluno da Escolinha Meimei tenha se envolvido com drogas e problemas com a polícia.

A estrutura da Escolinha Meimei nos dias atuais segue contando com espaço cedido pela Sociedade Irmãos Unido, mas dispõe dos seguintes espaços físicos para suas atividades; 1 Sala de aula para o 2º Ciclo, 1 Salão de Reuniões que é utilizado como sala de aula para 1º Ciclo, 1 Sala para o Maternal e Jardim, 3 banheiros, 1 Cozinha, uma sala de roupeiro para doações de roupas, 1 saguão de entrada que às vezes é improvisada como sala de aula quando existe a necessidade, 1 secretária, 1 pátio coberto.

A equipe de trabalho na Escolinha Meimei sempre foi formada por voluntários, sendo eles professores, auxiliares de limpeza, manutenção do prédio e o pessoal da cozinha.

3 VOLUNTARIADO E EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

Neste capítulo iremos estudar a relação do espaço de educação não formal e o voluntariado, no sentido de um melhor entendimento sobre a atividade voluntária. Ao construirmos essa pesquisa focalizando a prática do voluntariado em relação à educação que é ofertada na Escolinha Meimei, faz-se necessário rever os conceitos que abrigam e mantêm uma atividade na área da educação não formal e que empregam mão de obra voluntária.

Nosso olhar, inclusive naquilo que é evidente, é muito menos livre do que pensamos. E isso porque não vemos tudo o que o constrange no próprio movimento que o torna possível. Nosso olhar está constituído por todos esses aparatos que nos fazem ver de uma determinada maneira. Que se propõe um autor que pretende romper as e vidências, mostrando a trama de sua fabricação, suas condições de possibilidade, suas servidões, aquilo que está oculto pela potência mesma de sua luminosidade? Talvez nos ensinar que nosso olhar é também mais livre do que pensamos. (LARROSA,1994,p.83).

Desta forma, conforme afirmou Larrosa, buscamos nesta etapa do trabalho ver com novos olhos uma realidade que sempre despertou atenção. Para que isto seja possível, faz-se necessário buscar uma definição a respeito do que é um voluntário? De acordo com parâmetros da Organização das Nações Unidas,

O voluntário é o jovem ou o adulto que, devido ao seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte de seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de atividades, organizadas ou não, de bem-estar social ou outros campos.²

Na história do nosso país, no ano de 1543, é fundada na vila de Santos a Santa Casa de Misericórdia, dando início ao voluntariado no Brasil. Em 1908, chega em nosso país a Cruz Vermelha, em 1935, é promulgada a lei de Declaração de Utilidade Pública, que regimenta a colaboração do Estado com as instituições filantrópicas. Na década de 1960, o Governo Federal cria o Projeto Rondon, que leva universitários para dar assistência no interior do país.

Em 1983 a Pastoral da Criança é criada com o objetivo de treinar líderes comunitários para combater a desnutrição e a mortalidade infantil. Este pequeno

²Dados disponíveis no seguinte sítio eletrônico:

<http://www.voluntarios.com.br/oque_e_voluntariado.htm>Acessado 01/12/2014.

histórico da ação voluntária ao longo da nossa história, culminou no reconhecimento e regulamentação do trabalho voluntário com a Lei nº 9.608, de 18 de Fevereiro de 1998, que define legalmente o que é o serviço voluntário e quais as suas características.

Art. 1º Considera-se serviço voluntário, para fins desta Lei, a atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza, ou a instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade.

Parágrafo único. O serviço voluntário não gera vínculo empregatício, nem obrigação de natureza trabalhista previdenciária ou afim.³

Na atualidade, a ação do voluntariado é uma ação diversificada e promovida tanto pela iniciativa privada quando pelos órgãos públicos, organizações não governamentais, igrejas, entre outras instituições.

Encontramos voluntários em espaços escolares formais e não formais, em hospitais, organizações sociais que atuam em áreas como meio ambiente, cultura, esporte, lazer e educação. O voluntariado traz consigo a ideia de ajudar a buscar soluções para problemas sociais e, ao mesmo tempo, pode ser uma prática fundamental como forma de alertar o Estado para o cumprimento de seu papel na formulação de políticas públicas adequadas às necessidades da população.

Hoje se considera a mão de obra voluntária uma das grandes mobilizadoras do terceiro setor, que é o setor privado ajudando nas questões sociais através de inúmeras instituições, ou seja, é constituído por organizações sem fins lucrativos e não governamentais. Assume a função que seria de colaborador do primeiro setor que é de responsabilidade do Governo, cuidar do social, mas com sua falência nesta função em gerar serviços públicos de qualidade, o segundo setor que é o privado e cuida do individual, colabora também com o social. Assim sendo, o voluntário precisa ser encarado como força mobilizadora de organização social, tendo a educação como instrumento de ação política voltada à prática do voluntariado (COMNINOS,2000).

De certo modo, pode-se ponderar que a sociedade percebeu a necessidade de fazer a sua parte e não simplesmente esperar pelas entidades governamentais,

³<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9608compilado.htm>Acessado 25/11/2014.

ou seja, o voluntariado clama pela ação urgente onde muitas vezes o Estado institucionalizado e protocolar não chega. Em geral, o voluntário realiza um trabalho que vai além do assistencialismo e da caridade, que geralmente resume-se a simples doação, sem esperar retribuições financeiras em troca. Embora uma das grandes precursoras do trabalho voluntário tenham sido as instituições religiosas, como afirma Silveira(2001), os movimentos religiosos foram os grandes difusores da filantropia pelo mundo, pregando a caridade e buscando a elevação do ser através das boas ações.

Um dos principais elementos que constituem o trabalho voluntário refere-se à doação do tempo para a realização de um trabalho que necessita ser feito, cujo resultado acaba refletindo e causando impacto de forma dupla, ou seja, no próprio voluntário e nas pessoas que se beneficiam de sua atividade. O resultado da ação voluntária abrange principalmente a satisfação interior, a qual se manifesta de diversas formas: amor ao próximo, sentimento de utilidade, maior envolvimento social, emprego do tempo livre, sentimento de pertencimento à comunidade, entre outros.

Após essa breve passagem pelo campo conceitual do voluntariado, avançamos em direção ao campo da educação não formal, tendo em vista a especificidade da inserção dos voluntários junto à Escolinha Meimei. Conforme mencionado anteriormente, o espaço educativo é um dos muitos espaços de atuação do voluntário e, por isso mesmo, entender a dinâmica que envolve a educação não formal é fundamental para a continuidade da reflexão aqui proposta.

A educação não formal é complexa do ponto de vista conceitual e prático, pois abrange dinâmicas que não serão avaliadas aqui em toda a sua extensão e profundidade. Em geral, a educação não formal é realizada por instituições filantrópicas, agrupamentos políticos, clubes e agremiações de bairro ou movimentos sociais que buscam atender as necessidades básicas da comunidade em que estão inseridos. Sem tantos entraves burocráticos, sua flexibilidade e autonomia na escolha dos programas, bem como na forma de realizar atividades com seus alunos, permitem uma educação destinada a uma intervenção direta ao estudo de caso. Desta forma, o tempo a ser utilizado na aplicação de cada programa é variável de acordo com o ritmo dos alunos, respeitando-se diferenças de desenvolvimento, culturais e sociais.

De um modo geral, a educação não formal constitui uma ação que muitas vezes passa despercebida aos olhos do senso comum e da mídia, por não ser um processo escolarizável e não estar submetida a critérios tão rígidos como a educação formal. O espaço utilizado pela educação não formal é variável, não sendo restrito unicamente a um local consagrado à educação, podendo acontecer em espaços da família, bairro, rua, cidade, clube, espaços de lazer e entretenimento; em igrejas e até em grupos de amigos, assim sendo, na educação não formal é comum que seu espaço não seja tão específico ou delimitado como é na educação formal. O que implica muitas vezes em adaptações de lugares cedidos; em galpões, em centros comunitários, em espaços compartilhados com outras atividades, em adaptações das mais variadas formas para que seja possível dar aulas. Podemos considerar que se na educação formal encontramos um padrão de estrutura e organização, na não formal essa padronização só acontece em grandes instituições, com aportes financeiros, na sua grande maioria as pequenas instituições voltadas a prática da educação não formal, recorrem a adaptações e improvisações nos níveis de estrutura e organização. Seu espaço pode ser delimitado por referências como nacionalidade, idade, sexo, localidade, etnia. Como aponta Gohn (2006, p. 29),

Na educação formal estes espaços são os do território das escolas, são instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais. Na educação não-formal os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais (a questão da intencionalidade é um elemento importante de diferenciação).

O que distingue a educação não formal é o fator da intencionalidade na ação. A busca para os caminhos e procedimentos para educação é fruto da vontade dos indivíduos e suas decisões de realizá-las. Neste processo de decisão é que estes indivíduos escolhem os meios e os procedimentos para executar suas ações e até mesmo se será um trabalho individual ou em grupo. Isso quer dizer que há uma dinâmica particular na ocorrência do ato educativo, já que, não havendo protocolos estabelecidos, a experiência contextual vai determinando os rumos a se seguir. Novamente de acordo com Gohn (2003, p. 28),

A princípio podemos demarcar seus campos de desenvolvimento: a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos

previamente demarcados; a informal como aquela em que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização.

Nesse processo de socialização, no âmbito da educação não formal, observamos as demandas que são em grande parte o alvo de suas ações: a educação para justiça social, para os direitos humanos, para a liberdade, igualdade, inclusão social, democracia e respeito às diferenças culturais.

Podemos considerar a educação não formal como um espaço concreto de aprendizagem e de saberes para a vida coletiva, espaço onde circulam noções e princípios necessários para formação de cidadãos conscientes de seu papel em sociedade. Local que se desenvolve ações de educação com conteúdo subjetivo que são relativos ao plano emocional e cognitivo das pessoas, como aprendizagens que permite desenvolver competências. Uma educação que se utiliza da socialização como ferramenta de aprendizagem para ambos atores do seu contexto, no qual todos constroem e contribuem para o processo de ensino e aprendizagem.

4 PERSPECTIVAS ACERCA DA EDUCAÇÃO: OS VOLUNTÁRIOS DA ESCOLINHA MEIMEI E SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA.

Ao entrarmos no estudo do imaginário acerca da educação, que os professores-voluntários criaram com sua prática docente dentro da Escolinha Meimei, faz-se necessário para melhor compreensão desta pesquisa, identificarmos cada informante como professora 1, 2, 3 e 4(P1, P2, P3 e P4) respectivamente. Desta forma preservaremos a identidade real de cada contribuinte para a realização deste trabalho.

Logo abaixo observamos um quadro informativo a respeito das características e formação de cada professor-voluntário.

	IDADE	FORMAÇÃO	TEMPO DE PRÁTICA VOLUNTÁRIA	SITUAÇÃO
P1	62 anos	LETRAS	33 ANOS	ATUANTE
P2	21 anos	SUP. INCOMPLETO	6 ANOS	EX-ATUANTE
P3	40 anos	BALCONISTA	15 ANOS	EX-ATUANTE
P4	33 anos	BIÓLOGA	19 ANOS	ATUANTE

Os entrevistados foram selecionados pelo critério de disponibilidade de contato e tempo de atuação na prática de professor-voluntário dentro da Escolinha Meimei. Considerando que na prática voluntária dentro da Escolinha Meimei o compromisso de atuação é verbal, como um acordo entre cavaleiros, o que permite que as pessoas se desliguem de suas atividades de forma inesperada e sem aviso prévio de suas decisões, perde-se o contato por mudanças de cidade, envolvimento com compromissos pessoais de estudo, trabalho e família. Ocorre um grande fluxo de entradas e saídas de voluntários na escolinha. Sendo assim, torna-se mais fácil conseguir localizar as pessoas que atuam ou atuaram na instituição por um período maior de tempo, por causa do processo natural de criar vínculos com a instituição pertencente.

Com o trabalho de pesquisa que realizamos com os professores-voluntários atuantes na Escolinha Meimei, foi efetuada uma análise a respeito da visão que é construída sobre a educação. Não nos cabe a função de juiz, no quesito de avaliar qual o conceito que é considerado mais adequado. Mas no papel de pesquisador

organizar as informações coletadas, para que desta forma, seja possível aos leitores ter uma visão a respeito do imaginário que é construído sobre a educação e suas manifestações em espaços não formais.

Trabalhar com o imaginário dos professores-voluntários a respeito de como eles veem e compreendem a educação, seus aspectos e valores constituídos através de sua prática em um ambiente que não é consagrado somente para o ensino e aprendizagem, nos permitirá estudar a realidade de uma prática docente que é baseada no ato de doar-se em benefício ao próximo.

Neste trabalho, um dos grandes desafios é aventurar-se em uma área da educação que vem sendo desenvolvida, mas que ainda possui poucas pesquisas científica sobre o tema. Conforme afirma Gohn;

Trata-se de um campo que, na atualidade, domina a cena do associativismo brasileiro, cria cenários e paisagens urbanas específicas por meio de ações sociais nas cidades brasileiras. Essas ações usualmente não são vistas ou tratadas como objetivo de estudo na área da educação. (GOHN, 2010, p. 07).

Em um cenário que envolve a prática educacional, cercada de valores inerentes à instituição que é a mantenedora da Escolinha Meimei, não é possível desconsiderar que os princípios doutrinários do Espiritismo possuem uma influência sobre a prática dos professores-voluntários. Essa atividade de educação também é conceituada pelos membros da doutrina Espírita como Evangelização, diferenciando-se do sistema de catequese tradicional em que o conteúdo ensinado era somente religioso. Na evangelização o currículo é dinâmico, voltado a atender as necessidades observadas pelos professores em estudos de casos dos seus alunos, tendo o conteúdo moldado a fatores de maiores necessidades e não somente ao ensino de princípios religiosos.

Para este trabalho é de importante relevância destacar que no Brasil a prática do voluntariado possui uma ligação muito forte com entidades filantrópicas e religiosas, conforme afirma Souza & Lautert;

Decorrente desse vínculo com a religião, o modelo do voluntariado foi firmado e difundido embasado nos preceitos religiosos, sendo desde o seu início associado à caridade e ao humanitarismo. Ressalta-se, da mesma forma, o caráter filantrópico do voluntariado como uma forte marca histórica herdada dos religiosos, sendo até os dias de

hoje um componente presente tanto na motivação quanto nos objetivos das instituições que o desenvolvem. (SOUZA & LAUTERT, 2008, p.373)

Após a realização desta leitura da realidade dos nossos professores-voluntários, realizamos o estudo sobre o seu imaginário referente à educação, o ensino e aprendizagem de suas práticas docentes na Escolinha Meimei.

Ao questionar as professoras sobre como compreendem a educação, obtivemos as seguintes respostas:

P.1; Eu compreendo a educação não só formal, a educação da escola, mas aquele diálogo fraterno, aquela educação da alma. Que o educando seja visto como um ser, e não apenas, uma pessoa que precisa aprender a ler e escrever e ser alguém na vida.

Podemos observar que para a informante P.1 a sua compreensão sobre educação está associada ao desenvolvimento do ser como todo, um conjunto de conhecimentos que vão além de um currículo padrão, mas que contribuem para a sua formação como um cidadão. Quesito que muitas vezes, é oferecido nas escolas formais, mas inserido dentro de um currículo oculto, que direciona os comportamentos adequados e aceitos pela sociedade.

O que confirma o estudo realizado por Gohn;

Na educação não formal, essa educação volta-se para a formação de cidadãos (as) livres, emancipados, portadores de um leque diversificado de direitos, assim como deveres para com o(s) outro(s). (GOHN, 2010, p.33).

Embora a metodologia de trabalho na instituição seja similar a que é aplicada dentro de uma escola formal, a liberdade que os professores possuem para coordenar suas ações com maior autonomia e a característica de suas turmas serem formadas por um número restrito de alunos, adequa-se para que o professor possa acompanhar com maior proximidade o desenvolvido de cada educando. Ou seja, é uma situação que possibilita uma maior aproximação do educador com o educando. Esse aspecto aparece na resposta da informante P.1, que admite que “esses trabalhos em escolinhas, em grupos pequenos, turmas bem pequenas é mais fácil para o professor se aproximar e dialogar, se tornar em primeiro lugar o amigo da criança e depois o educador”.

Situação que entra em acordo com Perrenoud;

Os alunos não precisam de guias espirituais, nem de catequizadores. Eles se constroem encontrando pessoas confiáveis, que não se limitam a dar aulas, mas que se apresentam como seres humanos complexos e como atores sociais que encarnam interesses, paixões, dúvidas, falhas, contradições, defeitos e virtudes, engajamentos, atores que se debatem, como todo mundo, com o sentido da vida e com as vicissitudes da condição humana. (PERRENOUD, 2005, p.139).

Para a informante P.1 a educação vai além do conteúdo, é mais abrangente, envolve o desenvolvimento do ser humano, sua capacidade de compreender o mundo e de considerar-se pertencente a ele. Conforme afirma Paulo Freire (2009, p.81). “Ensinar não é a simples transmissão do conhecimento em torno do objeto ou do conteúdo”.

A informante P.2 diz que compreende a educação como um todo. “É a partir dela que tu vai nortear o que irás fazer. A educação é o princípio de tudo, tanto para a pessoa, quando politicamente falando. Onde tu irás nortear a sua vida, ela é o ponto de partida”. Percebe-se uma nova leitura a respeito da educação, já com aspectos mais direcionados ao padrão de ensino formal, em que a educação é direcionada para o desenvolvimento pessoal em relação à construção de uma situação de independência econômica e social, e referência de comportamento. Serve como “*ponto de partida*”, ou seja, a base para o que iremos construir em nossas vidas. Para a informante P.2 a educação é uma ferramenta que alimenta a esperança, o sonho possível, que amplia os horizontes do que é realizável, conforme o envolvimento do indivíduo com a educação.

Em relação à informante P.3, a mesma admite que “A educação é a forma de instruir o indivíduo no seu convívio social, sendo que com o passar do tempo e do convívio o indivíduo vai evoluindo e ficando mais preparado para a vida social”.

Já com a informante P.4, a educação é compreendida:

como o processo ensino-aprendizagem através do qual ocorre a mudança de comportamento do educando, mediante o contato com

novos conhecimentos ou novas práticas. Assim, essa educação não necessariamente conduz o educando a praticar o bem, ao menos conforme o senso comum e as regras de convívio em sociedade concebem e definem o que seja o bem. De acordo com o processo ensino-aprendizagem é conduzido, o educando pode vir a assimilar conceitos e valores contrários à boa conduta. Disso participam todos aqueles que influem na mudança de comportamento do educando:

família, professores, agentes da sociedade, formadores de opinião ou, até mesmo o próprio educando (nos casos de autodidatismo).

Desta forma, para a informante P.4, a educação é resultado das experiências que o educando obtém em sua vida, derivado do processo de ensino-aprendizagem que vai construindo valores, modificando seu comportamento e compreensão a respeito da vida, do que o cerca e sobre si próprio. Este processo pode tanto ser positivo, impulsionando a um comportamento que segue os padrões considerados pelo senso comum como adequados, tanto como negativos, que levem o indivíduo a um comportamento degradante.

Como educação não é sinônimo de escola, dado que esta é parte daquela, tudo o que se expande para além da formalização escolar é território educativo a ser operado. Ademais, se essa operação compartilhante na educação não formal pretende a consolidação de uma sociedade com convivência justa equânime, a cidadania em paz é o horizonte. (Cortella, 2007, p.47).

É considerada educação informal aquela modalidade de educação que ocorre de forma espontânea e natural. Gohn (2010, p.33) considera que a educação informal “socializa os indivíduos, desenvolvem hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou que pertence por herança, desde o nascimento”.

Neste contexto, observamos uma releitura do conceito de educação, que envolve tanto a educação informal, não formal e formal. “Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que aprendemos ser possível ensinar” ensina Freire (1997, p.50),

teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação.

Observamos a educação sobre uma nova perspectiva, que considera o processo de ensino-aprendizagem o eixo fundamental, independente de conteúdo e local em que ele ocorre e dos atores que estão atuando na construção dessa educação. O que nos leva a refletir que estamos constantemente ensinando e aprendendo, e que a educação é neutra, e somos nós que daremos a ela fatores

que sejam positivos ou negativos, tanto para o nosso aprendizado como para o nosso ensino.

Na perspectiva do professor-voluntário, encontramos espaços para discussão a respeito da boa ou má educação em seu aspecto geral, muitas vezes observadas nas escolas em estudantes que possuem o conhecimento teórico e ao mesmo tempo são considerados mal-educados. Salienta-se com isto, a importância da experiência que o educando e o educador tiveram dentro dos espaços formais e extras formais de educação.

4.1 Avaliações dos professores-voluntários sobre suas experiências docentes no espaço não formal da educação: aprendizagens e benefícios.

Neste capítulo, temos a oportunidade de estudar as aprendizagens que são construídas no espaço de educação não formal da Escolinha Meimei, sobre a ótica dos professores-voluntários que nos apresentam suas experiências e aprendizados na prática docente voluntária.

Ao aplicarmos a seguinte questão; Você acredita que o trabalho voluntário traz benefícios, a informante P.1 nos afirma que “Tanto para quem recebe, como para quem faz! Por que é através do ato de doar-se que se recebe, quem doa recebe mais e a gente aprende muito mais! [...] No trabalho voluntário há uma inversão! Agente ajuda! Mas somos mais ajudados”. Argumento que é reforçado pela informante P.2 ao salientar que com este trabalho voluntário ela “tornou-se pessoa” ou seja, a sua prática dentro da Escolinha Meimei a auxiliou a “ter uma visão de mundo diferente” retirando-a de um processo egocêntrico em que ela “achava que era a única pessoa que tinha problemas na vida e na Escolinha Meimei vi que o meu problema é o mínimo em vista de tantos outros”. Sob o mesmo ponto de vista a informante P.3, nos ressalta que “O crescimento do indivíduo é muito grande, quando doamos algo com amor e boa vontade”.

Com a informante P.4 não obtivemos uma resposta clara a respeito deste quesito, mas a justificativa do que a motivou a realizar o trabalho voluntário; “Os valores que recebi nessa instituição, uma vez que fui educanda nesse espaço de evangelização; e o exemplo que recebi de meus pais, dedicados que sempre foram

nesse propósito evangelizador”. Afirmativa que nos leva a refletir a respeito da herança cultural no desenvolvimento da solidariedade para com o próximo, ao observarmos que no caso da informante, sua ação está seguindo os exemplos vivenciados por seus pais.

Assim sendo, com essas perspectivas sobre a educação no espaço não formal e o trabalho voluntário, presenciamos que os professores-voluntários, se consideram beneficiados de sua própria prática. Averiguasse um fundo religioso nas respostas, baseados nos conceitos filosóficos do Espiritismo. Conforme afirma Allan Kardec (1997, p.127) “[...] fazer aos outros o que gostaríamos que fizessem por nós é a expressão mais completa da caridade, pois resume todos os deveres em relação ao próximo”.

Mesmo que não seja requisito da Escolinha Meimei, que o professor-voluntário seja Espirita para que possa atuar na educação, os personagens que exercem a função de docentes são indivíduos que vão além do ato voluntário (uma ação momentânea e esporádica de auxílio gratuito) para exercer o trabalho voluntário (que é ação voluntária por um período mais ou menos longo, mas contínuo). Assim sendo, o resultado de suas experiências neste campo da educação não formal, realizado, na Escolinha Meimei, comprova que para elas existe um retorno, um aprendizado de suas próprias ações. Além disso, desenvolvem através da prática uma didática que é capaz de promover o processo de ensino-aprendizagem, mesmo que ainda não possuam formação no magistério ou acadêmica para exercer a função de professor.

No momento em que um ator entra pela primeira vez em um campo social definido, é normal que não saiba grande coisa e que não seja muito competente. A não ser é claro, que tenha recebido a devida formação, mas nesse caso pode-se considerar que formação faz parte do campo: ser seminarista já significa fazer parte do campo eclesiástico. A maior parte dos campos organizados prevê um estatuto especial para os recém-admitidos, que permite justamente que aprendam o que devem saber e concede-lhes o direito de errar e de tatear por um período de iniciação mais ou menos codificado. (PERRENOUD, 2005, P.130).

Desse modo, desenvolve-se uma educação voltada para valores de cidadania e solidariedade, na qual seus membros atuantes são acompanhados até que possam ser considerados em condições para atuarem dentro da sala de aula, na função de docente. Ou seja, tanto o educando, como o educador são os

beneficiados desta prática educacional, pela própria troca de saberes. “Ela capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo” conforme explica Gohn (2010, p.19),

sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo.

Com o propósito de encaminharmos nosso estudo sobre a questão dos benefícios que são constatados nos educandos, pelos professores-voluntários, e a diferença do trabalho em educação de um espaço não formal em relação ao formal, observamos as respostas coletadas em nossa pesquisa. Sem ter a intenção de qualificar este ou aquele sistema de educação como sendo o melhor, mas sim de analisar quais as reais contribuições constatadas pelos professores-voluntários nos educandos que passam pelo sistema de educação de um espaço não formal, e seus efeitos em sistema de ensino padrão.

Assim sendo, nos relata a informante P.1 “observamos que as crianças que frequentaram a Escolinha Meimei, passaram a render mais na Escola formal, não se sentiam mais excluídas na escola, tornaram-se mais participativas em sala de aula” como consequência disto “Elas aprendem a ter compromisso com a escola, elas entendem o porquê elas tem que estudar e por que elas precisam estudar, e o que irá trazer de benefícios para a vida delas”. Além disso, a informante P.2 acrescenta que a educação em um espaço não formal na Escolinha Meimei “Oferece aos alunos uma visão do mundo” no qual “eles aprendem a trabalhar em grupo, conseguem se enxergar uns nos outros, aprendem a respeitar seus semelhantes”.

Dessa maneira, os efeitos da educação não formal contribuem para construir valores, que permitam aos seus alunos, observarem a realidade do próximo, sair do sistema de egocentrismo, alimentando sentimentos e ações de solidariedade. E este sentimento de solidariedade é importante para uma educação cidadã, pois “Aquele que não se senti tocado pelo que acontece com os outros, não tem nenhum motivo para desenvolver seus saberes e competências cívicas, vale mais apenas preparar-se para sobreviver na selva”. Perrenoud (2005, p.16), ou seja, “Não existe comunidade democrática sem um mínimo de solidariedade, quer ela nasça de um simples cálculo, quer ela repouse sobre os valores humanos”.

Esta solidariedade que é difundida em um processo natural dentro da Escolinha Meimei, e nos espaços de educação não formal, alicerça em seus alunos valores que muitas vezes se refletem no retorno do ex-aluno da Escolinha como um trabalhador voluntário.

Entendemos então que a educação não formal é complementar à educação formal, e que muitas vezes pode exercer função de educação informal, promovendo quando necessário, a educação que deveria ser realizada pelos pais para os seus filhos. Isto ocorre, quando é constatado em estudo de casos. Por exemplo; um problema de agressividade falta de higiene pessoal, mau comportamento com os pais ou colegas de sala aula.

Diante destas situações os professores-voluntários promovem ações educativas em que são trabalhados estes quesitos com a turma, criando situações para uma reflexão sobre o que é necessário modifica e aprender. Essas aulas que embora possam parecer simples repercutem no comportamento do educando em seu ambiente de convívio familiar, social e educacional.

Em contraste com esta realidade, o professor do sistema de ensino formal, dificilmente poderá intervir de forma direta, seja pelo seu compromisso em atender a demanda do conteúdo previamente definido pela direção escolar ou pelo número de alunos que estão dentro da sala de aula ou sobre carga de funções.

Muitos dos alunos que frequentam ou frequentaram a Escolinha Meimei estavam em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Na Escolinha, eles passam por uma educação inclusiva que lhes devolvem a esperança. Aprendem a observar a escola não apenas como um local que ganham uma alimentação gratuita, mas um ambiente de aprendizagem.

Existe neste caso, um verdadeiro resgate de pessoas as margens da sociedade sejam pelos pais que não tiveram acesso à educação e por isso não sabem a importância que é o acesso a ela, o que repercute na orientação de seus filhos para a educação. Eles ao levarem seus filhos a Escolinha Meimei, também são atendidos, recebem aulas e orientações, além de auxílios matérias sempre que possível.

Muitas práticas educativas na educação formal, como por exemplo; as datas comemorativas, dia dos Pais, dia das Mães, Páscoa e Natal. Possuem um reforço de

significado para estes alunos que frequentam a Escolinha Meimei, por que essas festas que são promovidas para as crianças e adolescentes dentro da Escolinha, são ações inclusivas, que recuperam a autoestima das crianças e seu entendimento sobre a coletividade. Para muitos alunos que já passaram pela Escolinha, estas foram as únicas festas que frequentaram, na infância, fora do ambiente da escola formal.

Na educação não formal, muitas vezes é necessário reconstruir as relações dos alunos com a sua própria família, direcionando o aluno para o seu desenvolvimento pessoal como cidadão e membro de uma família. Situação que vai ao encontro da afirmação de Perrenoud (2005, p.52), “Onde as relações sociais estão fortemente degradadas, o simples apelo à ordem, à observância das normas ou ao respeito mútuo não é suficiente; pode parecer grotesco, ou mesmo perigoso, por que implica testemunho” esclarecendo que as leis comuns de boa convivência muitas vezes são estranhas a alguns jovens por não terem sido interiorizadas.

Consideramos que não seja possível afirmar que na educação não formal, só existem coisas boas, seria utópico, como em toda manifestação social, encontramos divergências e conflitos a serem superados. Estas situações de impasse, em grande parte são superadas com a comunhão de esforços, para atingir objetivos comuns

aos integrantes do trabalho voluntário, são utilizados pequenos projetos com as turmas, específicos para cada aula.

Perto do encerramento desta pesquisa, questionamos os professores-voluntários a respeito de suas motivações para atuarem dentro de uma sala de aula gratuitamente. Nesta questão, a informante P.1 nos esclarece que “O que me motivou, foi que, é que eu queria fazer mais pelas crianças, eu queria conversar, eu queria entender mais as crianças... E eu sentia que faltava alguma coisa”, esta necessidade de aproximação do educador com o educando a levou a observar “que muitas vezes não eram as necessidades materiais os problemas dessas crianças, e sim a necessidade afetiva, de aproximação, do trabalho corpo a corpo. Isso me motivou a fazer este trabalho”. Por outro lado a informante P.2 afirma que “É que podemos ser úteis, ajudar, auxiliar, assistir, enfim... Acompanhar e dar apoio”. Da mesma forma a informante P.3 esclarece que o que a motivou foi “Justamente o fato

de compartilhar as necessidades da alma, doar tempo, vivência e receber amor e carinho”. E no caso da informante P.4 que foi cresceu dentro da Escolinha Meimei, nos disse “Construí meus valores nessa instituição, através da evangelização”.

Nesta pequena relação, de quais são os fatores que motivam a prática de uma educação voluntária, observamos situações diferentes em seus contextos. Para a informante P.1, encontramos a necessidade de fazer algo além do que era realizado na Escola, a busca de uma melhor compreensão sobre o comportamento de seus alunos e de uma aproximação com a realidade que eles vivenciam. O que vai ao encontro a Freire (1997, p.53) que nos diz “Também acredito na força das verdadeiras relações entre as pessoas para a soma de esforços no sentido da reinvenção das gentes e do mundo.” Esta soma para “reinvenção das gentes do mundo” é contemplada pela informante P.2, ao relatar sua motivação, no aprendizado e na troca de experiências e no processo de sentir-se útil.

Sua experiência como professor-voluntário lhe proporcionou capacidade para realizar uma releitura de sua própria realidade. O que segundo Costa (2004, p.6), “As ações de voluntariado permitem aos jovens fazer escolhas e desenvolver sua autonomia, na medida em que eles adquirem bons critérios para avaliar situações e tomar decisões diante delas”. Ou seja, proporciona melhores condições de autoanálise e de observação do mundo a sua volta.

No que se refere às informantes P.3 e P.4, encontramos a influência da religião e de valores construídos dentro do núcleo familiar, sendo que é a única experiência docente que a informante P.3 possui, situação que não se repete com as demais entrevistadas, visto que eles começaram atuar como professoras na Escolinha Meimei, e após essa experiência em educação não formal, buscaram uma especialização docente no campo das Licenciaturas.

Em síntese, poderemos afirmar que a motivação para desenvolver essa atividade docente em espaço não formal em regime de gratuidade, pode ocorrer por vários aspectos, sejam eles; satisfação pessoal, reconhecimento social, sentimento de amor ao próximo, de sentir-se útil, por convicções religiosas, por solidariedade e espírito cívico, entre outros. O importante é que, como constatamos nesta pesquisa, que geralmente os resultados são benéficos para todos os envolvidos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o estudo sobre a educação não formal e o voluntariado, que é realizado na Escolinha Meimei, recebemos a oportunidade de conhecer uma realidade da educação, que é realizada para promover a inclusão social, cidadania e construir valores morais e éticos. Um aprendizado que contempla os educadores e os educandos e cria na comunidade o sentimento de pertencimento a sociedade, independente de classe social ou nível de instrução.

Dessa forma, amplia nossos horizontes sobre a educação, e seus espaços educacionais, permitindo compreender que a busca de uma educação de qualidade não deve ser direcionada apenas ao poder público. Somos cidadãos, que temos se quisermos a oportunidade de contribuir com nossas experiências e incentivar o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e inclusiva. Se não temos autonomia de realizarmos esta ação a nível nacional, encontramos na educação não formal a possibilidade de efetuarmos um trabalho em nossa comunidade, em benefício do nosso próximo.

Compreendemos que a educação, seja ela informal que ocorre de forma natural, no seio familiar, no convívio social e através da interação, não formal que está muitas vezes carregada de intenção, valores, associativismo ou mobilização social, e a educação formal que é constituída pelo sistema de ensino, seja ele público ou privado. Não são forças contrárias, mas sim, estágios diferentes de educação e que devem se complementar e contribuir para a formação de cidadãos de bem.

Independente do conceito com o qual se define a educação, seus objetivos são similares, sua função é baseada no desenvolvimento do ser humano como um todo, e consciência dos parâmetros de conduta que são considerados adequados pela nossa sociedade e de respeito pelo próximo.

Assim sendo, a educação proporcionar a lucidez para a melhor compreensão de nossas próprias ações, e seu significado no que se refere aos princípios como justiça, democracia, respeito às diferenças, solidariedade e cidadania.

Consideramos com este estudo, que a educação em seus mais variados espaços é um esforço válido, que contribui para diferentes níveis de formação do ser humano.

Constatamos que a prática docente profissional, realizada pelos professores devidamente formados e habilitados, encontra um suporte na educação não formal que realiza, quando necessário, o elo que o interliga a educação informal. Que no caso em estudo, na Escolinha Meimei, está direcionada a educação de princípios básicos de comportamento morais, cristãos e cívicos. Enfim, encerramos este trabalho com a afirmação de Perrenoud (2005, p.13). “A sociedade é parte do problema e não pode transferir suas responsabilidades para o sistema educacional”.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei do Voluntariado**. Lei nº 9.608, de 18 fev. 1998; Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9608compilado.htm> Acessado 28 de Nov.2014.

COMNINOS, Constantino. **Educação para o ano 2000: o que um futuro profissional deve saber, no aprendizado do hoje, para a sua qualificação e o sucesso no século XXI**. Revista de Estudos da Comunicação, Curitiba, v.1, n.2, p.17-22, set./2000.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Contribuições da educação não formal para a construção da cidadania**. In: CORTELLA, Mário S.; SIMSOM, Olga R. von; PARK, Margareth; FERNANDES, Renata et alii. *Visões singulares, conversas plurais*. São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2007, p.43-52.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da(Org.) **Casos e contos: viagem por um Brasil solidário**. São Paulo: Faça Parte–InstitutoBrasilVoluntário,2004.

FREIRE, P. FREIRE, A.M.(org). **Pedagogia dos sonhos possíveis**. UNESP: São Paulo, 2001. FREIRE, Paulo(1997). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2004 (Col. Leitura).

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 16ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2009.

GOHN, M.G. **Associativismo em São Paulo: novas formas e participação no planejamento urbano da cidade**. In: NUNES, B. F. (Org.).

_____. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. *Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p.27-38, jan./mar. 2006.

_____. **Educação Não Formal e o Educador Social: Atuação no Desenvolvimento de Projetos Sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

KARDEC, A. **O Evangelho segundo o espiritismo**. São Paulo: Petit Editora, 1997.

LARROSA, Jorge. **Tecnologias do eu e educação**. In: SILVA, Tomaz Tadeu(Org.).*O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.p.35-85.

GADOTTI, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas**, São Paulo: Àtica, 1993.

ORGANIZAÇÃO FAÇA PARTE- Instituto Brasil Voluntário. *Jovem Voluntário EscolaSolidária.2002*.Disponívelem:<http://www.voluntariado.org.br/sms/files/col_faca_parte_09.pdf>

Acesso em 28 de Nov.2014.

PERRENOUD, Philippe. **Escola e Cidadania: O papel da Escola na formação para a Democracia**. Trad. Fátima Murad. – Porto Alegre :Artmed. 2005.

SILVEIRA, Jairton Dimas. **Trabalho voluntário: da filantropia à cidadania**. In.: PERES, Clotilde; PRATES, Luciano(Orgs.). **Voluntariado e a gestão das políticas sociais**. São Paulo: Futura, 2002. p.148-165.

SOUZA, Luccas Melo de and Lautert, Liana **Trabalho voluntário: uma alternativa para a promoção da saúde de idosos**. *Rev. esc. enferm. USP*, Jun 2008, vol.42, no.2, p.363-370. ISSN 0080-6234